

## **De Mário de Andrade a Antonio Candido: a (auto)historiografia modernista como modelo da história da literatura brasileira<sup>1</sup>**

Marcelo Moreschi

University of California, Santa Barbara

### I.

Sabe-se que o trabalho da geração de críticos da qual Antonio Candido fez parte foi decisivo para a canonização do modernismo e para a consolidação de uma história triunfalista do movimento calcada fundamentalmente nos termos empregados pelos próprios modernistas, que buscaram caracterizar o movimento de que participaram como um dos eventos mais importantes da cultura nacional. Em outras palavras, críticos tais como Antonio Candido produziram a história do modernismo a partir da autohistoriografia modernista (isto é, a partir o conjunto de práticas adotadas por vários modernistas que buscava influenciar ou controlar a descrição futura de sua empreitada<sup>2</sup>). Contudo, o fenômeno que eu gostaria de sublinhar aqui extrapola a transformação da autohistoriografia em história e a legitimação da auto-imagem do modernismo, ainda que o fenômeno em questão seja resultado do sucesso de tal transformação e de tal legitimação. O que me interessa aqui é explicitar como o vocabulário modernista subsidia descrições gerais da cultura e da literatura brasileira e mesmo uma finalidade única e normativa para essa cultura. Além disso, eu gostaria de perguntar o que há de atraente nesse vocabulário. Para caracterizar um caso particular de tal fenômeno, procuro demonstrar o impacto da ensaística de Mário de

---

<sup>1</sup> Texto apresentado no 10º congresso internacional da Brazilian Studies Association; Brasília, julho de 2010.

<sup>2</sup> Apenas para dar um exemplo dessas práticas basta mencionar a gigantesca epistolografia de Mário de Andrade. Sobre as práticas autohistoriográficas modernistas, v. Moreschi.

Andrade no modelo teórico e crítico empregado por Antonio Candido em sua *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, de 1959

## II.

Na parte introdutória da *Formação*, Mário de Andrade não é citado como um autor que teria servido ao crítico como fonte ou base teórica para a elaboração de seu livro. No entanto, uma leitura atenta da *Formação* pode demonstrar que Mário, apesar de não ser citado como modelo, é onipresente nessa obra fundamental de Candido. Mário só é referido de modo explícito incidentalmente ao longo do livro. As referências mais significativas ao modernista se dão quando Candido menciona dois ensaios de Mário no trecho da *Formação* dedicado à segunda e à terceira gerações românticas. Além disso, nas notas bibliográficas que fecham o livro, o crítico se refere a *Aspectos da literatura brasileira* (volume que coleta os dois ensaios de Mário mencionados) como “talvez [...] a mais alta coletânea de ensaios críticos das nossas letras” (367, vol 2).

Essas referências mais ou menos incidentais à ensaística de Mário ao longo e no final do livro não representam, porém, o impacto crucial do modernista na *Formação*. A título de exemplo, resta dizer que até mesmo o nome da obra fundamental de Candido remete a um célebre artigo de Mário, o famoso ensaio de 1929 sobre Aleijadinho. Cito um trecho relevante deste artigo:

O Aleijadinho antes de mais nada é um símbolo social de enorme importância brasileira, americana e universal. Ele representa um conjunto de obras-de-arte magníficas; um dos *momentos decisivos* da nossa *formação* histórico-psicológica; um gênio americano (“Aleijadinho”, *Aspectos das artes plásticas* 40, grifos meus)

Evidentemente, afirmar que o título do livro de Candido tem como origem este trecho do artigo de Mário é apenas apresentar uma hipótese. Mesmo assim, porém, é difícil ignorar expressões como tais como “nossa formação” (ainda mais “histórico-

psicológica”) e “momentos decisivos”, que, quando não compõem o título da obra de *Candido*, referem-se a elementos centrais de seu núcleo conceitual mais elementar. A propósito, é sintomático do fenômeno que se busca descrever aqui que se encontra na *Formação* ressonâncias justamente do ensaio de Mário sobre o Aleijadinho. Guiomar de Grammont, em um livro recente, demonstra a importância de “Aleijadinho” para o desenvolvimento do programa modernista de Mário, porque nesse ensaio o escritor, ao projetar no passado colonial certos ideais e preocupações modernistas, acaba por realizar uma espécie de teste histórico de tal programa, aferindo a possibilidade desse programa ser retroprojetado como explicação histórica. E é justamente esse teste histórico do programa modernista que coincide em vários pontos com a história literária de *Candido*. Outro teste histórico do programa modernista também é realizado em “O movimento modernista”, a célebre conferência de Mário de Andrade proferida em 1942 que, assim como o ensaio de Aleijadinho, também reverbera na *Formação*.

## II.

De antemão, é preciso sublinhar o modo como Aleijadinho é celebrado por Mário: um “símbolo social de enorme importância” ao mesmo tempo “*brasileira, americana, universal*” (grifo meu). Mário ressalta a simultânea brasilidade e universalidade de Aleijadinho. Um leitor familiarizado com a *Formação* de *Candido* poderia perguntar se se trata aqui de uma feliz “síntese de tendências universalistas e particularistas”. Em “Aleijadinho”, já se pode identificar uma tentativa de propor a dialética local/universal como “uma lei de nossa vida intelectual”, para mencionar uma formulação de um outro texto de *Candido* publicado pela primeira vez em periódico na época da gênese da *Formação* (me refiro a “Literatura e cultura 1900-1945”, depois recolhido em *Literatura e sociedade*).

Na *Formação* a dialética local/universal cumpre dois papéis fundamentais na articulação argumentativa do texto. Primeiramente, ela é usada para definir a natureza da literatura brasileira. Logo na primeira linha da introdução do livro, Candido já define a literatura brasileira “como síntese de tendências universalistas e particularistas” (23). Essa definição tem inúmeras decorrências heurísticas e hermenêuticas para o estudo de obras que o crítico apresenta. Em segundo lugar, a dialética local/universal também é empregada de modo judicativo e, assim, embasa critérios para o julgamento de autores, obras e períodos, que tendem a ser avaliados de forma mais positiva pelo crítico toda vez que, segundo sua perspectiva, promovem uma síntese ou uma sublação bem-sucedida entre os dois elementos em relação dialética, tal como faz o Aleijadinho de Mário.

Deixando de lado aqui a discussão acerca dos possíveis pressupostos eurologocêntricos presentes na maneira como o crítico emprega tal dialética, é preciso pensar em que medida o embate dialético local/universal, tão crucial para o pensamento de Candido, pode ser entendido como uma sistematização de alguns lemas modernistas. Tal dialética ainda não totalmente sistematizada como modelo analítico ou teórico pode ser observável em lemas tal como o conhecido “é preciso criar uma arte brasileira, essa a única forma de sermos artisticamente civilizados” e bem representados no “concerto das nações”, para usar expressões de Mário; da mesma forma, pode ser encontrada em formulações conhecidas tais como a da não-contradição de “um tupi tangendo um alaúde” ou da coexistência “da escola e da selva”, para usar expressões dos dois Andrades. Tanto na *Formação* quanto em outros textos de Candido, o lema modernista da sublação local/universal é generalizado como uma espécie de dilema enfrentado por todos os agentes da literatura nacional. Dessa forma, o lema transformado em dilema e em motor da história é projetado

transistoricamente como o conflito que move a evolução das práticas letradas no Brasil.

### III.

A dialética local/universal como lema ou motor da história é complementada por uma formulação adicional, também comum a Mário e a Candido: a prescrição de uma finalidade preferível e muitas vezes normativa para a produção cultural ou letrada no Brasil. Isso pode ser demonstrado, sobretudo, quando a *Formação* (um volume de história literária que não trata do modernismo) é aproximada do texto “O movimento modernista”, a célebre conferência de Mário coletada, por sinal, em *Aspectos da literatura brasileira*, volume louvado por Candido nas notas bibliográficas da *Formação*.

Uma leitura atenta da conferência de Mário, principalmente de seu segmento analítico-processual, compreendido entre os parágrafos 32 e 55 do texto, pode revelar que o autor modernista faz mais do que fixar uma versão da história do modernismo. Para constituir a relevância do modernismo e ressaltar o valor histórico do movimento, Mário esboça, na conferência, uma história geral da cultura letrada e erudita no Brasil. Recolhendo posicionamentos diversos sobre a cultura brasileira em circulação desde pelo menos a década de 1910 (especificamente na matriz do pensamento autoritário brasileiro em autores tais como Oliveira Viana), Mário supõe, de antemão e por princípio, um divórcio entre Inteligência e realidade nacional. Na conferência, sucessos da cultura letrada e erudita são aferidos quando são observadas tentativas de superação do divórcio entre Inteligência e realidade nacional; inversamente, fracassos ocorrem quando os produtores de cultura não atentam para o divórcio referido ou, pior ainda, quando eles o acentuam por meio de práticas que Mário denomina de “femininas”, “moluscóides”, “individualistas”,

“experimentalistas”, “academizadas”, “desregradas” e desarticuladas relativamente à entidade chamada por ele de “o todo orgânico da consciência nacional”, para a qual práticas culturais deveriam atentar, investigando-a ou formulando-o. Dessa forma, Mário acaba por estabelecer uma espécie de finalidade preferível da atividade cultural no Brasil, que, para ser autêntica e de valor, deve servir de instrumento de constituição ou de cognição do nacional. Dentro desse quadro, o modernismo, segundo a conferência de 1942, é uma ruptura (porque adota como programa a superação do fosso supostamente existente entre Inteligência e vida nacional) e uma realização do desígnio perseguido (ou que deveria ser perseguido) desde sempre pela cultura letrada e erudita no Brasil.

É justamente o estabelecimento desse tipo de finalidade preferível para a produção cultural no Brasil que possibilita a articulação de um método crítico-historiográfico tal como o da *Formação* de Candido. O crítico trata a cultura letrada enquanto expressão do que ele chama de “espírito do ocidente” e como heteróclita com relação à realidade brasileira; por isso as várias referências, ao longo da *Formação*, a uma “aclimatação penosa e difícil” da literatura em terras nacionais. Mas o crítico é mais incisivo do que seu ascendente modernista no que diz respeito à prescrição de uma finalidade das letras e artes no Brasil. Explicitamente ele designa uma “finalidade adequada” e uma “finalidade espúria” para a produção letrada nacional. A *Formação* de Candido constitui-se justamente da investigação de “momentos decisivos” em que se pode aferir se a finalidade adequada da literatura foi ou não cumprida. A distinção entre “finalidade adequada” e “finalidade espúria”, apesar de pressuposta ao longo de todo o livro, é apresentada num comentário parentético na introdução. Quando defende o papel do arcadismo na fixação do “espírito do ocidente” no Brasil e na constituição de uma literatura nacional e do nacional na literatura, Candido afirma:

o movimento arcádico, ao invés de ser uma forma de alienação (isto é, *um desvio da atividade literária, que deixa a sua finalidade adequada a favor duma outra, espúria, prejudicando a si mesma e à sua função*) foi admiravelmente ajustado à constituição da nossa literatura (17, grifo meu).

Tal finalidade adequada (e, como se pode perceber, também normativa) da produção de letras no Brasil é reposta a seguir pela proposta de uma “literatura empenhada”, que é apresentada pela primeira vez por meio de uma espécie de aforismo que sublinha os aspectos incontronável e obrigatório da finalidade prescrita por Candido. No Brasil, segundo o crítico,

*[q]uem escreve, contribui e se inscreve num processo histórico de elaboração nacional* (18, grifo meu).

V.

O fenômeno que eu gostaria de sublinhar aqui reside justamente nesse tipo de formulação: uma finalidade de letras e artes no Brasil formulada originalmente para justificar e dar relevância ao modernismo que, posteriormente, é generalizada e universalizada como a finalidade da produção cultural no Brasil de forma geral (seja em seus momentos formativos seja em momentos posteriores).

Há algumas décadas, a crítica literária brasileira vem destacando omissões, exclusões, anacronismos e idiossincrasias interpretativas causadas pelo tipo de totalização finalista discutida aqui, questionando tanto a transformação do lema da sublação local/universal em dilema transistórico inescapável quanto a exigência de que letras e artes sirvam invariavelmente de instrumento de constituição e de cognição do nacional. Independentemente dos danos que tal tipo de generalização totalizante possa produzir, é intrigante pensar porque esse tipo de abordagem, que tem origem no modernismo (ou na legitimação crítica do modernismo), continua a ser tão atraente e de certa forma ainda continua hegemônica. Isso pode ser explicado, mas apenas

parcialmente, pelo próprio prestígio da história triunfalista do modernismo, que, apesar de já ter sofrido críticas de várias frentes, ainda não foi substituída por um vocabulário alternativo que dê conta da eclosão da modernidade artística e literária no Brasil.

Mas essa possivelmente seja apenas uma explicação parcial. A vantagem do vocabulário de matriz modernista reside provavelmente no fato de que ele pode ser empregado para justificar e para nobilitar a atuação do letrado num país com sérios problemas educacionais, inclusive de alfabetização. Afinal, o que está em jogo aqui é a própria relevância da cultura erudita e letrada que, segundo tal vocabulário, serve tanto para especificar a cultura brasileira em termos que sejam universalmente compreensíveis quanto para revelar camadas da realidade nacional que apenas o instrumental particular desse tipo de cultura tenha condição de realizar. Em outras palavras, nesse paradigma crítico, o vocabulário de descrição dos objetos dentro do âmbito intra-institucional da crítica literária é o mesmo que pode ser usado na esfera pública, de modo a justificar a existência ou a manutenção da instituição. Talvez os modernistas e seus herdeiros responsáveis por generalizar o vocabulário criado pelos primeiros estejam certos com relação a um fosso existente entre cultura erudita e vida nacional. Resta saber até que ponto tal tipo de abordagem é diagnóstico, cura ou sintoma desse problema.

### **Obras citadas**

Andrade, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

---. *Aspectos das artes plásticas no Brasil*. São Paulo: Martins, 1965.

Candido, Antonio. *A formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6ª ed.

Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981.

---. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2008.

Grammont, Guimar de. *Aleijadinho e o aeroplano: o paraíso barroco e a construção do herói colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

Moreschi, Marcelo Seravali. “A façanha autohistoriográfica do modernismo brasileiro”. Santa Barbara: University of California, 2010. Tese de doutorado.